

## Um estudo comparativo da semivocalização da lateral /l/ em escritas de alunos de séries iniciais de escola pública e privada de Jaboatão dos Guararapes-PE

### A comparative study of the lateral /l/ semivocalization in writings of students initial series of public and private school of Jaboatão dos Guararapes-PE

André Pedro da SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Objetiva-se explicar e catalogar o fenômeno encontrado na escrita da semivocalização da lateral /l/ quando transformada em glide /w/ e expressa ortograficamente como vogal alta *u*, em posição de codas final e medial, como: bolsa ~ bousa; calma ~ cauma. O presente trabalho se debruçou sobre dados recolhidos na cidade de Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco - PE, em uma escola municipal de ensino público. Salienta-se que esse trabalho também apresenta um estudo comparativo entre os dados aqui levantados e os dados já analisados pelo Projeto Relação entre Fala e Escrita - REFALES em ensino privado, tecendo, assim, uma comparação. A metodologia deste trabalho baseia-se no método quantitativo-comparativo e apoiamos-nos teoricamente na Teoria da Linguística e da Variação Linguística e para tanto, utilizamos o arcabouço de Câmara Jr (1998); Faraco (2012); Hora (2006); Hora, Pedrosa e Cardoso (2010); Mollica (2003); Moraes (2003, 2007); Zilles e Faraco (2015), dentre outros; na Psicogênese da Língua Escrita, com Ferreiro e Teberosky (1986), na Filosofia da Linguagem, com Azize (2012) e para apreensão dos resultados em Freire (1987). Os resultados aqui apresentados nos mostram que fatores sociais se associam aos linguísticos, sendo esclarecedores o quantitativo que aponta para uma maior superação da variação em contexto privado e a revelação de dificuldades fonológicas no contexto público.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desvios Ortográficos. Semivocalização. Escola Pública e Privada. Fonologia.

**ABSTRACT:** The objective is to explain and catalog the phenomenon found in the writing of semivocalization of lateral /l/ when transformed into glide /w/ and orthographically expressed as high vowel *u*, in final and medial coda position. The present work focused on data collected in the city of Jaboatão dos Guararapes, in Pernambuco - PE, in a municipal school of public education. It should be noted that this work also presents a comparative study between the data collected here and the data already analyzed by REFALES in private education, thus weaving a comparison. The methodology of this work is based on the quantitative-comparative method and we are theoretically supported by the Theory of Linguistics and Linguistic Variation and for that, we use the framework of Câmara Jr (1998); Faraco (2012); Hora (2006); Hora, Pedrosa and Cardoso (2010); Mollica (2003); Moraes (2003, 2007); Zilles and Faraco (2015), among others; in the Psychogenesis of Written Language, with Ferreiro and Teberosky (1986), in the Philosophy of Language, with Azize (2012) and for the apprehension of the results in Freire (1987). The results presented here show us that social factors are associated with linguistic ones, being enlightening the quantitative that points to a greater overcoming of the variation in the private context and the revelation of phonological difficulties in the public context.

**KEYWORDS:** Orthographic deviations; Semivocation; Public and Private School; Phonology.

---

<sup>1</sup> Professor Colaborador da Universidade de Pernambuco. E-mail: pedroufpb@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9595-2503.

## Introdução

O fonema e o grafema figuram não só como tópicos linguísticos, mas, quando, pouco a pouco, conquistados pelos sujeitos na sua trajetória de aquisição da linguagem, contam da aventura de se formarem, substancialmente, sujeitos no mundo, já que somos seres de linguagem.

Dessa maneira, os primeiros anos de letramento são para a criança um grande percurso no processo de aprendizagem que se dá em anos relativamente curtos, é uma mudança drástica no ser e no estar no mundo para estes indivíduos. E, em um domínio da aprendizagem da escrita, percebe-se que o indivíduo, em fase de aquisição, busca organizar suas próprias regras em um plano interiorizado a partir das impressões que capta do meio (MORAIS, 2003), organiza assim os seus próprios significados e significantes do que ele já decodifica do meio em que vive, por isto, não raras vezes, crianças inventam palavras: é o mecanismo de organização e jogo que as conduz a organizar um mundo que faça sentido para que elas o habitem.

Essas experimentações acontecem fortemente na fala e a escrita inicial, dessa maneira, acontece primeiramente como uma transposição abundantemente da fala, uma vez que esta representa uma instância resultante da experimentação do mundo, intrinsecamente, é marcada por vivências e costuma ser bastante singular nos primeiros anos de vida. Assim, nessa fase, a criança tende a cooptar marcas da oralidade na escrita, fazendo uma correlação entre estes dois modelos. Deste ponto de partida, de que as crianças cometem aquilo que chamamos de transposição da fala para escrita ou, seguindo os preceitos de Miranda e Senra (2012), vazamentos, cabendo pontuar a figuração da língua falada na análise do desenvolvimento da criança enquanto sujeito.

Hoje, nós temos estes parâmetros claros, principalmente após os trabalhos de Azize (2012) e de Ferreiro e Teberosky (1986), mas, ainda no século XX, com a Linguística Moderna, a língua escrita foi pormenorizada diante da fala, sendo entendida como uma mera reprodução; hodiernamente, graças aos adventos citados anteriormente, sabemos que há relações complexas entre a fala e a escrita e que a segunda é um campo vasto que, documentadamente, conta a história individual de cada sujeito que escreve (cf. FARACO, 2012; MASSINI-CAGLIARI & CAGLIARI, 2008; MORAIS, 2003 e 2007). Destarte, ainda de acordo com Ferreiro e Teberosky (1986), a escrita acompanha o desenvolvimento cognitivo da linguagem de cada indivíduo ao longo da vida. Assim, toda escolha na escrita conta a história de uma exclusão e, essa escolha, diz muito da capacidade linguística de seu emissor. Dessa forma, ratificamos a escrita como um campo vasto a ser analisado.

Cabe ressaltar que também nos baseamos nos paradigmas instaurados por Labov (1972), no qual se assevera que há diferentes formas de dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade, ressaltando, assim, o caráter heterogêneo da língua e a importância desta heterogeneidade linguística em uma sociedade que também se faz heterogênea. A língua, por sua vez, enquanto resultado também social, tende a se adaptar aos tempos e aos indivíduos e mudar com eles de uma forma diacrônica e, também, sincrônica.

A pesquisa aqui apresentada baseia-se, sobretudo, no método quantitativo-comparativo; ou seja, foram analisados dados estatísticos para que nossa hipótese norteadora fosse comprovada. Buscou-se como objetivo descrever a manifestação das variáveis presentes no fenômeno de semivocalização da lateral líquida /l/, com a finalidade de apreender, analisar e sistematizar essa variante nos contextos de escola pública e escola

privada, nos quais ela pôde se manifestar. No nosso caso, o contexto do ensino fundamental público; e quais os fatores influem sobre seu aparecimento ou desaparecimento. E, posteriormente, cruzar estes resultados com os resultados já obtidos pelo REFALES<sup>2</sup> do mesmo teste aplicado em séries do Ensino Fundamental Privado.

Assim, foram analisados um total de 69 treinos ortográficos de frases e 69 de palavras coletados em uma escola municipal, localizada no bairro do Ibura, Jaboatão dos Guararapes-PE. Dividiu-se em dois níveis de coleta dos treinos ortográficos, a) palavras em contexto mínimo (PCM) e b) palavras fora de contexto (PFC), realizados em momentos distintos em a) foi menos monitorado<sup>3</sup> e em b) foi mais monitorado; dessa forma, objetivamos observar a atenção dos estudantes. No treino de palavras fora de contexto (PFC), a ideia era a de que o aluno se preocupasse apenas com a palavra em si, feito por intermédio de um ditado de vinte palavras, todas com a manifestação da lateral em posição de coda; e um momento de maior espontaneidade, presente na produção do treino de palavras em contexto mínimo, momento em que o informante se preocupa com todas as palavras, uma vez que estas estavam, minimamente, contextualizadas. Dessa forma, foi possível estabelecer comparações entre estilos: mais monitorado e menos monitorado.

## Panorama da Psicogênese da Língua Escrita e da Filosofia da Linguagem

Para refinarmos nossa captação dos impasses enfrentados pelos sujeitos aqui estudados, nos voltamos para um estudo, ainda que inicial, de que caminhos podem ser aliados à Fonologia na investigação do fenômeno de semivocalização. Não estamos diante de sujeitos vazios, ou seja, cada sujeito no empreendimento do ensino carrega consigo uma bagagem de contato com o mundo que deve ser levada em conta, principalmente para que se lance ao sistema educativo formas mais elucidativas de alfabetização (cf. MASSINI-CAGLIARI & CAGLIARI, 2008; MORAIS, 2003 e 2007).

Para tanto, em trabalhos anteriores (SILVA e GALINDO, 2017), nosso arcabouço limitou-se a uma retomada de noções construtivistas da aquisição do conhecimento, nos faltou, portanto, atentarmos-nos que a educação é feita num trabalho corpo a corpo entre o mediador do conhecimento – o professor, na maioria dos casos – e os estudantes. A aprendizagem é, dessa forma, justamente isto: uma mediação, já que o nosso foco precisa mudar, principalmente para dar conta dos fenômenos linguísticos, da forma como ensina para a forma como, de fato, se aprende, já que é essa experiência de fixação do que é mediado que resulta em êxito da forma padrão ou não. Sendo assim, o construtivismo<sup>4</sup> embora nos seja elucidativo quando nos diz Vygotsky que é necessário captar o indivíduo por inteiro, concebendo o homem e seu desenvolvimento numa

---

<sup>2</sup> O projeto de pesquisa Relações entre Fala e Escrita – REFALES foi liderado pelo Prof. Dr. André Pedro da Silva do Departamento de Letras, na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, de 2014 a 2020. O REFALES fez pesquisas relacionadas à oralidade e à variação no aprendizado da escrita nas redes pública e privada de ensino no nível fundamental. O respectivo projeto de pesquisa tem respaldo do Comitê de Ética da Fundação Joaquim Nabuco, o qual nos autorizou a realização das pesquisas, por meio do Parecer Consubstanciado CAAE: 67297517.0.0000.5619, versão 2.

<sup>3</sup> Entendemos por monitoramento o momento da realização dos treinos de palavras e de frases e a diferença entre mais ou menos monitorado dá-se no nível de atenção pedido pelo pesquisador no momento de realizar os testes em campo.

<sup>4</sup> Teoria sobre a origem do conhecimento que considera que a criança passa por estágios para adquirir e construir o conhecimento. Tem como objeto de estudo da alfabetização a língua escrita (Nunes, 1990).

 <https://doi.org/10.51951/ti.v12i26.p9-26>

Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), n. 26 (vol. 12), p. 9-26.

perspectiva sociocultural. No entanto, ao se referir aos estudos experimentais da formação dos conceitos, Vygotsky (1998, p. 73) afirma que [...] a tarefa cultural, por si só, não explica o mecanismo de desenvolvimento em si, [...].

A Psicogênese da Língua Escrita foi cunhada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, na década de 1980, em linhas mais amplas, ela pode ser conhecida também como construtivismo de forma equivocada, porque, na Psicogênese, mantem-se o foco nos resultados de ensino partindo da experiência de escrita dos estudantes. Além disso, também se discute formas de melhor alfabetização, levando-se em conta a história de contato com a língua trazida por cada indivíduo, que já testa a escrita nos mais diversos rabiscos, numa tentativa imitativa de dar forma linguística a um objeto de linguagem encontrado no mundo (cf. FERREIRO; TEBEROSKY, 1986).

A Psicogênese de Ferreiro e Teberosky vem desmistificar a noção de certo e errado quanto à correspondência entre fonema e grafema, mostrando-nos que há nesse movimento muito mais a ser estudado e entendido e que a leitura e a escrita sofrem influência uma da outra à medida que se ajustam essas correspondências entre significantes e signo, já que

A aprendizagem da leitura, entendida como o questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola o imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los seguindo sua própria metodologia. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986, p. 11).

Cabe retomar nossas observações e inquietações, justamente nos anos iniciais que a criança, compreendida como sujeito da sua aprendizagem, no qual a criança testa a correspondência entre o fonema e o grafema e até que as perspectivas se acomodem, nenhum teste é aleatório. Portanto, o entendimento de erro ortográfico não cabe nesse momento de aprendizagem. Isto posto, nos é caro compreender estes fenômenos como variações (cf. LAVOB, 2008) que esbarram num conhecimento social e interno, a criança joga com as possibilidades de escrever o objeto e isto é resultante dos estímulos de leitura do mundo a que foi exposto. Para esta discussão é importante aludir Wittgenstein e a noção dos jogos da linguagem pra construir o mundo, conforme nos diz Azize:

Para Wittgenstein, uma investigação sobre o sentido será sempre uma investigação sobre algum tipo de articulação formal com determinações internas suficientes à objetividade do significado. Será formal e objetiva na medida em que passível de ser posta em definições públicas e por escrito [...] e colherá, no campo dos usos linguísticos, critérios para as interdições, necessidades e possibilidades que constituem tais usos. (AZIZE, 2012, p. 154)

Esta concepção liga-se com o que Tasca traz sobre a variação:

[...] a variação, embora aparentemente caótica e aleatória, constitui um objeto de estudo científico, uma vez que heterogeneidade das línguas é imanente às mesmas, podendo ser prevista e sistematizada. Uma das metas dos estudos da variação é descrever e explicar os usos alternantes, indicando seu caráter ou de mudança ou de progresso. (TASCA, 2002a, p. 17)

Logo, para nós, é a variação a maior materialização das testagens da linguagem na escrita que a criança empreende com a finalidade de adequar e criar o seu mundo, esse jogo finda-se na escrita quando há a construção de sentido naquela correspondência, percebe-se, então, que entram em jogo aqui noções fonológicas de sistematizar a língua a fim de explicá-la nas suas mais diversas possibilidades de existir.

Quando olhamos de perto para as formas que se exibem nos jogos de linguagem [de Wittgenstein], vemos que a estabilidade dos jogos, ainda que aberta a novas regras, depende de ligações internas entre conceitos. Essas ações nascem de gestos humanos [...], inventando um formalismo não puro, integrando vida à forma. (AZIZE, 2012, p. 157)

Partiremos, então, para a tentativa de uma apreensão das duas possibilidades de ocorrência desta variação: na coocorrência, quando duas formas são usadas ao mesmo tempo, observada, sobretudo, em momentos do letramento mais iniciais, momento em que as crianças testam as diversas formas de escrever a mesma palavra. E na concorrência, quando as duas formas ocorrem, tanto a variável, quanto a padrão, ambas com o valor de verdade, mais comum quando o processo de letramento ou possui êxito, no caso do uso da norma padrão, ou fracasso, no caso da insistência na variável (SILVA e GALINDO, 2017, p. 399).

Passado o panorama psicológico e filosófico ao qual nos filiamos para entender a semivocalização da lateral /l/, é importante que também estejam claros os mecanismos fonológicos que acontecem na produção da transformação escrita da consoante líquida l pela vogal alta u. Esse percurso poderá ser visto em detalhes no nosso próximo tópico.

### **Panorama fonológico: a semivocalização da lateral /l/**

Segundo Tasca (2002a) semivocalização da lateral líquida [l] não é algo novo. Supõe-se que sua ocorrência é bastante antiga, remontando à passagem do latim clássico para o latim vulgar. No caso do Português Brasileiro (PB), pode-se dizer que serve como fator de diferenciação em relação ao português de Portugal, que mantém a pronúncia da lateral como consoante (SILVA e GALINDO, 2017, p. 400). A busca pela imitação do *sermo urbanus* pelo *sermo vulgaris* resulta pela primeira vez nessa semivocalização da lateral. Teyssier (2014) aponta para o ressurgimento desse movimento na língua quando o PB já é semi-constituído. Dessa maneira, a semivocalização passa a ser uma

sinalização do distanciamento do PB do Português de Portugal (PP), que preserva a pronúncia velar da lateral.

O fenômeno de semivocalização da consoante lateral [l] é um processo fonológico que ocorre largamente no território brasileiro, alcançando pessoas de diferentes idades, etnias, sexos e regiões, servindo, inclusive, como fator de diferenciação entre o português sul-americano e o europeu (CÂMARA JR, 1998; QUEDNAU, 1993; HORA, 2006; DE PINHO e MARGOTTI, 2010). De maneira sucinta, explicam Battisti e Moras que a

Semivocalização é o processo fonológico pelo qual uma consoante é transformada em vogal ou semivogal quando ocupa certas posições da sílaba ou da palavra. A motivação do processo é em geral prosódica, como ocorre no português brasileiro com a consoante lateral /l/ em coda silábica (ou posição pós-vocálica), esteja a sílaba no interior ou em final de vocábulo: falta ~ fa[w]ta, futebol ~ futebo[w], móvel ~ móve[w], almoço ~ a[w]moço. (2016, p. 91)

No caso do Brasil, “a líquida [l] é observada nas posições de onset (inicial e medial) e coda (medial e final), a qual, em geral, é produzida como o glide [w]” (idem, ibidem). Para Hora,

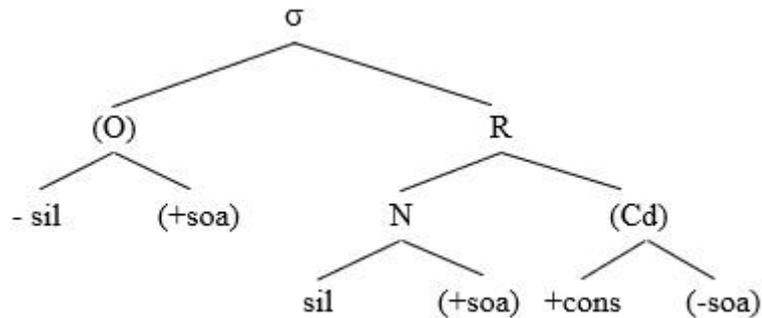
O termo “líquida”, em Fonologia, foi importado da poesia e da filologia gregas. Usado no sentido de ‘instável’, segundo Allen (1973, p. 211), esse vocábulo servia para rotular as classes das laterais, dos róticos e das nasais, tendo sido transplantada para o latim sob a forma de liquidus, -a, -um. Considerando a diferença da estruturação silábica no latim e no grego, a palavra liquidus passou a se referir apenas às laterais (sons -l) e aos róticos (sons -r), denominações utilizadas com o advento da fonologia gerativa. (grifos do autor). (HORA, 2006, p. 30)

Para compreender melhor o processo fonológico de semivocalização, é necessário analisar a sílaba, tendo em vista que,

A partir dos anos 70, as teorias fonológicas tomaram novos rumos, o que contribuiu para que o foco de observação também mudasse. O segmento, antes considerado como principal elemento de análise, passa a ocupar papel secundário, e a sílaba, que ganha status fonológico a partir dos trabalhos de Kahn (1976) e Hooper (1976), passa a ser vista como domínio de processos fonológicos. (HORA; PEDROSA; CARDOSO, 2010, p. 71)

Para este artigo, adotamos a proposta de Selkirk (1982), segundo a qual os elementos constituintes da sílaba estão em hierarquias distintas. Para ela, a estrutura da sílaba é organizada em dois níveis. No primeiro, são encontrados o ataque (ou onset) e a rima; e, no segundo, a rima está subdividida em núcleo e coda, como podemos observar a seguir:

**Figura 1: Estrutura Arbórea da Sílaba**



**Fonte:** Bisol (2001, p. 98)

São opcionais os elementos parentetizados; isso significa que uma sílaba pode não ter ataque ou coda, mas, necessariamente, deverá ter uma rima contendo o pico (ou núcleo).

A partir do exposto na figura 1, a líquida /l/ é observada nas posições de *onset* (inicial e medial) e coda (medial e final), a qual, em geral, é produzida como o glide [ʷ]. É a líquida /l/, na posição de coda, que vai nos interessar nesse estudo, justamente por ser produzida como glide [ʷ] de sonoridade igualitária, a vogal alta /u/ tende-se a associar à vogal **u** os méritos da consoante líquida **l**, como por exemplo: ca[l].da ~ ca[ʷ].da; ca.na[l] ~ ca.na[ʷ].

Esta consoante líquida obtém esse nome justamente pelo seu caráter mutável, sendo a única, segundo Dickey (1997), a possuir todos os pontos de articulação do aparelho fonador em diversas línguas do mundo. A líquida /l/, além de vocalizada, como em cana[ʷ], pode ser velarizada, como em cana[ɣ], ou apagada, como em cana[∅], como ressaltam De Pinho e Margotti (2010) ao analisarem as ocorrências da /l/ em coda silábica nas capitais brasileiras. Dessa forma, para estes autores, há em todo o Brasil a manifestação da variante e do apagamento, porém a velarização do /l/ em coda final como em cana[ɣ] vai se restringir ao sudeste e, principalmente, ao sul.

Neste ponto, é interessante esclarecer que o fenômeno da semivocalização da lateral [l] não é um processo peculiar ao Brasil. De acordo com Hora (2006, p. 34), há registros desse processo em várias línguas no mundo, a exemplo do polonês, do catalão (dialeto balear), do francês antigo (região do norte e do sudeste da França) e do Mehri (língua semítica do sul da Arábia).

Crê-se, haja vista estudos anteriores, que as vogais anteriores a lateral é quem ditarão o comportamento desta lateral no contexto escrito (cf. BATTISTI e MORAS, 2016; HORA, 2006; MOLLICA, 2003; QUEDNAU, 1993 e TASCAS, 2002a). Acreditamos nisso também porque, segundo Silva e Sedrins (s.d.), em um estudo sobre

o comportamento variacionista do segmento lateral na escrita das séries iniciais de crianças de Serra Talhada-PE, apontaram que

entre os fatores linguísticos, o fator mais significativo que condiciona a vocalização da lateral é a variável tipo de vogal precedente, conforme evidenciado em Tasca (2002), onde tal variável mostrou-se bem relevante. A tendência revelada pelos dados da pesquisa evidencia que os alunos tendem a preservar o segmento e a vocalizá-lo diante das vogais baixas: baixa [a], da média baixa [E], e da vogal alta [i] confirmando a influência da qualidade dessas vogais na vocalização da lateral na coda. Já em relação à vogal média alta [o], a pesquisa mostrou que o segmento é favorável ao apagamento. (SILVA, J. e SEDRINS, A., s.d.)

Nosso estudo, guiado à luz da literatura aqui explicitada, parte para a investigação da semivocalização da lateral /l/, em posição de coda, na escrita de crianças participantes do eixo da escolaridade do ensino particular, diferentemente da pesquisa citada anteriormente realizada por Silva e Sedrins.

## Metodologia

Para a execução do trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre as laterais e sobre a teoria da variação linguística, levando em conta questões teórico-metodológicas, bem como análises já realizadas sobre a variação linguística em dados de fala e de escrita no PB.

A coleta dos dados se deu por uma bolsista do REFALES, moradora do bairro onde se localizavam as escolas. As atividades aconteceram em situação normal de aula, haja vista a bolsista estar em estágio nas duas escolas. Para a aplicação da atividade, selecionamos algumas palavras com a lateral em posição de coda final e medial, a saber: *jornal, cristal, temporal, varal, legal, hospital, cereal, farol, curral, anzol, caldeirão, soldado, multidão, palco, filme, culto, salsicha, fralda, talco, algodão*.

A fim de realizar a análise, foram tomados por base o método de abordagem indutivo e os seguintes métodos de procedimento: a) o estatístico, para a realização da análise quantitativa (percentual tradicional), e b) o comparativo, para estabelecer semelhanças e/ou diferenças entre escolas da rede pública e particular de ensino. Ambas as escolas se localizavam no bairro do Ibura, na cidade de Jaboatão dos Guararapes-PE.

O bairro do Ibura é uma grande periferia constituída de diversas unidades residenciais, sendo um bairro periférico e é formado, em sua maioria, por indivíduos pertencentes às classes C e D, e alguns lugares de maior precariedade que constituem a classe E. Este não é caso da unidade residencial 6, onde fica localizado o colégio campo da pesquisa. Essas escolas adotam um método de ensino majoritariamente tradicionalista e os indivíduos em questão estão na faixa etária de 7 e 11 anos, não apresentando distorção entre o ano escolar e a faixa etária correspondente.

Durante a pesquisa, foram analisados treinos ortográficos produzidos por alunos de séries iniciais do ensino fundamental público no intuito de testar a hipótese norteadora

desta pesquisa, a de que: “em séries iniciais, os dados de escrita estão mais próximos da fala e na medida em que se dá o letramento, com o aumento da escolarização, tende a se afastar desta” (cf. MORAIS, 2003 e 2007; MASSINI CAGLIARI e CAGLIARI, 2008; MARCUSCHI, 2008; FARACO, 2012; ZILLES e FARACO, 2015).

Assim, foram analisados um total de 69 treinos ortográficos de frases e 69 de palavras, número total de alunos participantes da pesquisa que entregaram os Termos de Livre Consentimento devidamente assinados pelos seus responsáveis, nas duas escolas.

Os treinos ortográficos foram divididos em dois níveis de coleta, frases e palavras, como já dito. Para poder observar o momento de atenção, usou-se o treino de palavras (PFC), já que o aluno se preocupou apenas com a palavra em si, feito por intermédio de um ditado de vinte palavras, todas com a manifestação da lateral em posição de coda; e o momento de espontaneidade, presente na produção do treino de frases (PCM), momento em que o informante se preocupa com todas as palavras, uma vez que estas estão minimamente contextualizadas. Ratifica-se, também, que os treinos PFC e PCM foram aplicados em dias diferentes.

## Resultados e discussão

Serão apresentadas nesta seção a catalogação dos resultados, bem como a análise desta pesquisa, a qual se dividiu em dois grupos: Fatores Fonológicos e Fatores Sociais, sabendo-se que ambos se completam na aquisição da linguagem (cf. MIRANDA, SILVA, MEDINA, ZITZKE, 2006 e TASCA, 2002a). Uma vez que, como bem pontua todo nosso aporte teórico e condensando-se nas palavras de Tasca (2002b, p. 23), “a variação, embora aparentemente caótica e aleatória, constitui um objeto de estudo científico, uma vez que a heterogeneidade das línguas é imanente as mesmas, podendo ser prevista e sistematizada”. É justamente essa sistematização das congruências e pontos críticos que nos propomos aqui.

## Fatores fonológicos

Antes de direcionar nosso foco para a posição do /l/ em final de sílaba, posição de coda, é necessário observar a manifestação do surgimento da líquida lateral no falar infantil.

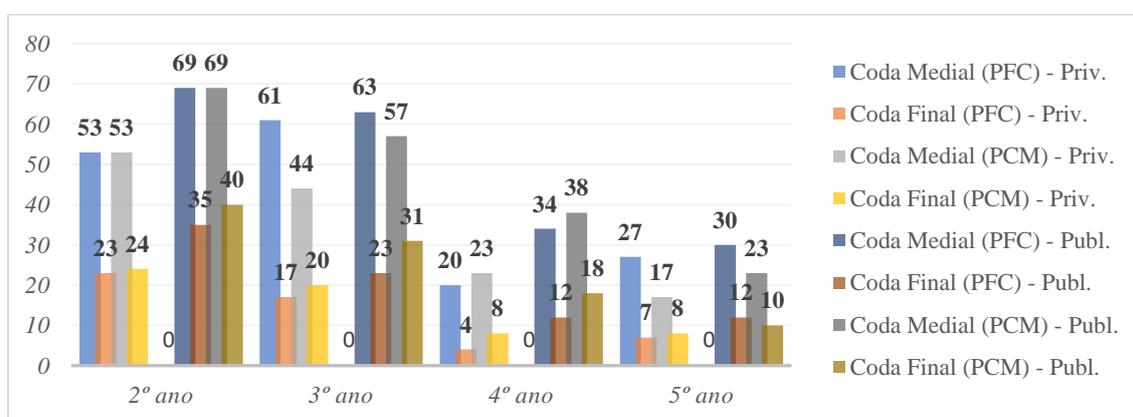
Em geral, as consoantes laterais surgem primeiramente durante o processo de aquisição da fala, e são, grosso modo, consoantes articuladas que, ao serem produzidas, emitem o ar pelas laterais da língua no lugar de ser pelo centro da língua que é o movimento de escape de ar mais comum (cf. BATTISTI e MORAS, 2016; HORA, 2006; MOLLICA, 2003 e QUEDNAU, 1993). São líquidas laterais o /l/ e o /ʎ/. Segundo Wiethan, Melo e Mota (2011), ao tratarem das consoantes líquidas, o /l/ ainda vai apresentar sobre o /ʎ/ maior facilidade de produção, sendo a primeira das laterais líquidas a ser internalizada, entre os 2:8 e 3:0 anos de idade.

Debruçados sobre os estudos dos desvios fonológicos possíveis das consoantes líquidas, Wiethan, Melo e Mota (2011) perceberam, após o levantamento dos seus dados, que o fonema /l/ apresentará maior índice de produções escritas corretas, sendo

pouco ou nunca acometido pelo que chamaremos de **estratégias de reparo**. E, ao analisarmos treinos ortográficos que tratem da posição do /l/ em coda final e medial, o parâmetro mudará, dependendo, assim, de fatores linguísticos presentes na sílaba analisada. Dessa maneira, o /l/ pode ser vocalizado ou até mesmo, apagado. Desse modo, nos depararemos com o que se chamará de **estratégia de reparo vocalizada**.

É importante a alusão à pesquisa anterior<sup>5</sup>, de Silva e Galindo (2017) que tratou não só de quantificar e catalogar a existência da variante /<sup>w</sup>/, mas também mostrou sua existência abundante no falar e escrever infantil nordestinos. Preocupar-nos-emos agora em observar a diferença estatística da permanência dessa variação do contexto do ensino privado para o ensino público, levando em consideração a manifestação do fenômeno de semivocalização em escrita, quando se é levado em conta o contexto, PFC ou PCM, a escolaridade, e, sobretudo a posição do /l/ na sílaba (coda final ou coda medial):

**Gráfico 1:** Comparativo da Manifestação da variante /l/ na coda medial e final, levando em consideração o contexto público e privado e a escolaridade dos alunos



Fonte: *Corpus REFALES*, 2017.

Um ponto a ser observado no gráfico é a predominância da semivocalização quando se trata de coda medial em ambos os contextos escolares, pois, a pronúncia da lateral fica acentuadamente vocalizada quando, após seu aparecimento, exista outra consoante, logo, tomamos essa manifestação como natural e intrínseca a formação linguística do indivíduo.

Ao deparar-se com as palavras usadas nos treinos de coleta de dados como: soldado [sɔ<sup>w</sup>dadɔ] (coda medial) e jornal [ʃɔɔ<sup>w</sup>na<sup>w</sup>] (coda final), haverá a tentativa, por parte da criança, de reparar vocalicamente a dúvida do uso da consoante l, haja vista tratar-se do /l/ entendido como glide /<sup>w</sup>/. Por isso, vale a explicar o porquê de os dados da escola pública se mostrarem sempre em quantitativo maior, como será apresentado na seção reservada à tratamento dos Fatores Sociais.

É necessário observar, dentro das manifestações apresentadas, a relevância do tipo de vogal anterior à lateral. Após o núcleo /o/ (vogal média alta), por exemplo, há a

<sup>5</sup> Pesquisa PIBIC realizada anteriormente a essa, tratava-se igualmente de apreender a manifestação da vocalização da líquida lateral /l/, os dados foram apreendidos em uma escola de ensino privado, localizado também no bairro do Ibura, Jaboatão dos Guararapes - PE, contando com a participação de 56 sujeitos divididos em 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I.

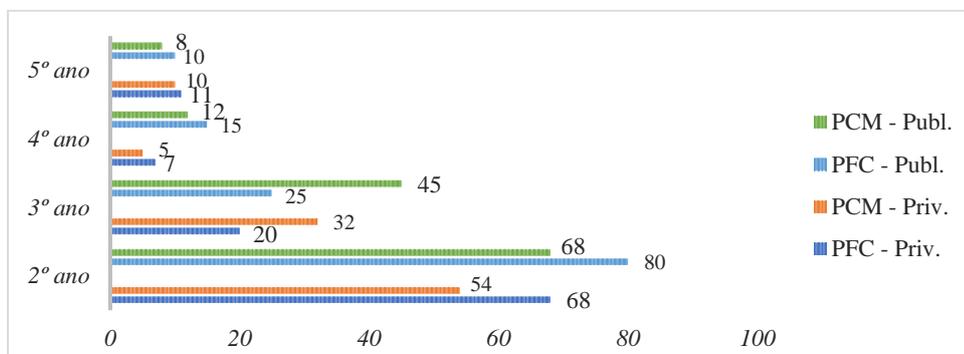
expectativa do predomínio do apagamento do /l/ em posição de coda, na transcrição ortográfica da palavra, resultando em “*sodado*” (Aluno 21, 2º ano, 7 anos), que pode também ser entendido como Monotongação<sup>6</sup>, já que se forma, assim, um som homorgânico. Tal apagamento também foi observado por Silva e Sedrins (s.d., p. 7), quando afirmam que “Já em relação à vogal média alta [o], a pesquisa mostrou que o segmento é favorável ao apagamento”.

Crê-se, com isso, que a proximidade sonora da vogal média alta /o/ com a vogal alta /u/, seja o maior fator causador desse apagamento, já que a estratégia de reparo vocalizada é a transformação ortográfica do /l/ em /u/, ambos elementos labiais. E quando a vogal se trata da alta /u/, o contexto fonológico sempre é propício ao apagamento, como em *multidão*: Aluno 10, 5º ano, 11 anos – mu[Ø]tidão. Palavra essa que perdura o apagamento durante todo o Ensino Fundamental I, ficando a cargo dos anos posteriores sua acomodação no campo linguístico.

Podemos observar o panorama do apagamento da /l/ quando precedida de /u/ na palavra *multidão* quando nos debruçamos sobre alguns dados: no 2º ano, houve 48 ocorrências de apagamento; no 3º ano, houve 25 apagamentos; no 4º ano, houve 14 apagamentos; e, no 5º ano, último do Fundamental I, houve apenas 10 apagamentos. Assim, as ocorrências de apagamento caem aproximadamente em 20,83% no comparativo 2º ano *versus* 5º ano.

Voltando-se para o eixo comparativo do trabalho, observemos a manifestação geral do apagamento levando em consideração o contexto (PFC e PCM) e a rede escolar (pública x privada):

**Gráfico 2:** Manifestação da variante zero de acordo com o contexto (PCM ou PFC), levando em consideração o tipo de rede (Ensino Público x Ensino Privado)



Fonte: Corpus REFALES, 2017.

Com a menor manifestação do apagamento quando no contexto PCM (palavra em contexto mínimo, treino de frase) pode-se teorizar que as crianças usam mais de seus conhecimentos internalizados, quando estas se encontram à vontade, por exemplo, não há a repetição do vocábulo visando corrigi-lo. Dessa forma, o mecanismo da hipercorreção não é usado. Já em nível de teste de palavra, PFC, portanto, mais

<sup>6</sup> A monotongação, de acordo com Hora (2008, p. 25), “diz respeito a um processo de redução de um ditongo a um monotongo, ocorre quando um ditongo (vogal + glide) é realizado como uma vogal simples, ou seja, a semivogal da sequência é apagada”.

monitorado, há a repetição em busca do aprimoramento, e nessa tentativa de perfeição, pode-se perder ou ganhar fonemas, nesse caso, acarretou a perda.

Outra variante importante encontrada no decorrer da nossa pesquisa, e já sinalizada em pesquisas anteriores (cf. WIETHAN, MELO e MOTA, 2011; SILVA e SEDRINS, s.d.), é a manifestação da variante /o/ que toma o lugar da forma vocalizada esperada /u/. Esse fenômeno já foi encontrado na nossa primeira pesquisa em escola particular (cf. SILVA e GALINDO, 2017) e sua manifestação não parou apenas nesse contexto, ela também foi encontrada no contexto público, e, neste, demonstrou maior repercussão.

O aparecimento da vogal /o/, majoritariamente em posição de coda, no final de palavras, ocorreu, sobretudo, nas séries iniciais. Mas, esta variação tende a desaparecer rapidamente com o avanço do letramento e da internalização da Língua Portuguesa. Esse fenômeno mostrou-se bem específico do nosso estudo e, após a análise das suas manifestações, chegamos à conclusão de que acontece uma *alofonia*<sup>7</sup>. No contexto público, se comparado ao contexto particular, teremos uma permanência maior dessa variante, por exemplo, num panorama quantitativo, se a variante /o/ demonstrava apenas uma manifestação (na modalidade PCM) no terceiro ano (3º) do ensino particular, veremos essa quantidade subir para 6 ocorrências no ensino público, também no terceiro ano, divididas igualmente entre os contextos (PFC/PCM) e repercutindo com uma ocorrência no quarto ano no contexto PCM, para somente sumir efetivamente no quinto ano.

Dessa forma, a alofonia ocorre justamente pela noção de que o que deve ser transcrito é a semivogal /w/ que acaba levando as crianças a optarem pelo fonema /o/, que pode também possuir a manifestação /w/, como em ovo ['o.v<sup>w</sup>]. Logo, a criança transforma o /l/ em /w/ e opta por transcrevê-lo com o fonema /o/, representado pela vogal “o”, como em “varao” ~ varal e “paoco” ~ palco. Passemos agora para a discussão dos Fatores Sociais.

## Fatores sociais

Além dos fatores linguísticos referentes à posição do /l/ da sílaba fonética, são os fatores culturais notadamente influentes nesta variação, tais quais percorridas anteriormente e apoiadas em questões socioconstrutivistas (cf. FERREIRO e TEBEROSKY, 1986 e 1999; AZIZE, 2012).

Como se esperou, a manifestação da variável /u/ decai ao longo do letramento, ou seja, os sujeitos passam a ter mais contato com a norma-padrão vigente e assimilam as possibilidades de escrita, abandonando a **estratégia de reparo vocalizada** e assimilando que a letra “l” pode conter a possibilidade do fonema vocalizado /u/.

Vale salientar, entretanto, um recorte social, há no *corpus* dos sujeitos pesquisados bastante dificuldade na progressão do letramento. Sendo assim, sujeitos pertencentes ao 5º ano ainda demonstravam dificuldades básicas no processo de leitura e de escrita e isso se reflete também nas demais salas (lembrando que a pesquisa foi

---

<sup>7</sup> Fenômeno pelo qual diferentes variantes, ou alofones, apresentam equivalência funcional, podendo ocorrer em **distribuição complementar** ou variação livre. No português, um exemplo de alofonia seria a palatalização ou africacão das oclusivas dentais /t/ e /d/ antes da vogal [i]. (SILVA, 2011, p. 53)

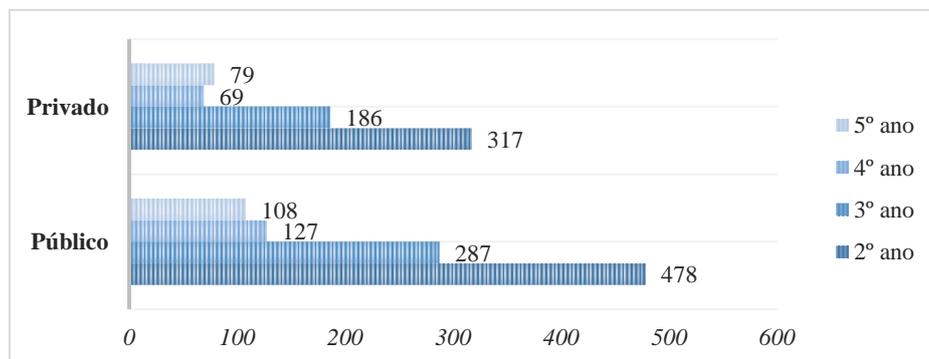
aplicada em escolas diferentes: pública e privada), houve grande dificuldade de execução dos testes por essa deficiência estrutural do ensino. Retrato disto é o número de variações em diferentes contextos: no contexto **menos monitorado** as variações bateram 560 ocorrências; e, no contexto **mais monitorado**, 456 ocorrências.

Quando o pesquisador realizou o ditado de frases (PCM), contexto menos monitorado, preocupou-se em manter o ambiente com conotação descontraída, fazendo uma brincadeira de adivinhação e contextualização das palavras usadas entre os sujeitos participantes, deixando o ambiente livre para que as crianças pudessem escolher suas respostas libertos de qualquer preocupação ou ansiedade; já quando o ditado de palavras (PFC) foi feito, contexto mais monitorado, cobrou-se mais seriedade dos sujeitos e pediu-se silêncio na sala de aula, fazendo com que os alunos cultivassem o sentimento de preocupação de acertarem a resposta.

Sabendo-se dos contextos abordados pelo pesquisador na execução do trabalho, nota-se que o ambiente menos monitorado, PCM, abriu mais espaço para o uso da variante. Sendo assim, as crianças em sua maioria cometeram mais variação (apagamento, semivocalização ou uso da variante /o/) e, conseqüentemente, menos escolhas de acordo com a norma-padrão.

Tomando a língua como um fato social, tal como Labov (cf. 2008) em seus estudos, já detectamos empiricamente aqui que a língua é heterogênea dentro de uma mesma comunidade; para que possamos iniciar as discussões acerca do recorte social a que pertence cada ensino, observemos o gráfico seguinte:

**Gráfico 4:** Manifestação da variante: Ensino Público x Ensino Privado



Fonte: *Corpus REFALES*, 2017.

Esse tópico do trabalho adquiriu máximo recorte social, porque não há como falar-se nessa contraposição sem levar em conta as experiências de Ensino. Vale salientar que ambas as escolas são próximas, questão de ruas, mas suas realidades são diretamente opostas, não há nivelamento de idade na pública, por exemplo. Há um grande déficit de aprendizagem na realidade pública também, sem levar em conta a grande problemática estrutural.

Ainda que esse não seja o foco da pesquisa, toma-se a liberdade de abrir esse parêntese social, rever a cultura desse tipo de ensino mostra-se urgente. Constatamos, por exemplo, que 13 dos 13 sujeitos do 2º ano cometeram variação em ambos os contextos (mais monitorado e menos monitorado); e noções, como a variação em coda final que se mostrou superada no 5º ano do âmbito particular, continua acontecendo

com frequência em todas as séries do Ensino Público. É nesse recorte que a Sociolinguística Laboviana se mostra capaz de explicar o embate e problemática apresentada, já que, no ensino de língua materna na escola em questão, predomina-se ainda a noção de uma língua homogênea preocupada com moldes tradicionalistas da gramática.

Faz-se necessário, também, que a Psicogênese da Língua Escrita e a Filosofia a Linguagem venham como suporte na formação de uma escola que se preocupe em dotar de sentido a aprendizagem da linguagem escrita, não subestimando o senso imaginativo dos sujeitos como esses “construtores” de um mundo a sua volta, jogadores de um jogo de linguagem que não cessa, mas pode ter seus embates amenizados se for entendido pela aquisição como um tópico a ser tratado com maior atenção no ensino, não só no público, mas em todo o lugar onde se instaure a escola.

A variante já advinda da cultura desses indivíduos, comprovada por exemplo pela quantitativo da variação presente no segundo ano, 478 ocorrências no Ensino Público contra 317 do Ensino Privado, não encontra no contexto escolar público periférico<sup>8</sup> os mecanismos adequados para ser compreendida em seus contextos. Ou seja, não há uma eficácia total no letramento dos sujeitos, uma explicação sobre a adequação da língua e seus variados contextos e uma *expectativa do poder da aquisição linguística*. Propomos, dessa forma, uma imersão numa outra ótica, uma possível solução que coloca o educador no centro da mudança social, porém, não se admite uma visão utópica do problema, sabendo-se que o problema se revela estrutural, mas, não nos foge a responsabilidade de postular sobre a gênese da educação.

Após a análise das movimentações internas da aquisição do poder da linguagem, como usá-la numa perspectiva macro? Numa perspectiva de mudança social que atinja todos os homens? Nessa tocante, trazemos Paulo Freire para o centro do nosso debate. Na voz do professor Ernani Maria Fiori em Prefácio em *Pedagogia do Oprimido*, temos a pertinente e elucidativa colocação:

Nesse comportamento, as coisas são abjetivadas, isto é, significadas e expressadas: o homem as diz. A palavra instaura o mundo do homem. A palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as; não é só pensamento, é ‘práxis’. Assim considerada, a semântica é existência e a palavra viva plenifica-se no trabalho. (1987, p. 27)

Há dois movimentos aqui expressos, o trabalho como mudança do homem sob o meio, manifestado em duas naturezas que embora de caráter distinto complementam-se entre si. Há um primeiro movimento, como já dito, o homem sobre ele mesmo exercendo as escolhas por meio das ferramentas subjetivas, como admitem Weinreich, Labov & Herzog (1968 [2006]) ao postular a variação em nível individual, reconhecendo a competência do falante como heterogênea e ordenada, Ou seja, todo falante imerso no seu contexto já apresenta domínio das estruturas heterogêneas da língua, já jogou

---

<sup>8</sup> Alegação sobre a escola pública estudada, podendo, dependendo das similaridades com outras escolas periféricas, ser ampliados para um retrato social de determinados grupos.

com a linguagem (cf. AZIZE, 2012) e já tentou mapear o seu meio por meio de nomes subjetivos ou não. E outro movimento, conseqüentemente, o homem inferindo o mundo, usando da práxis para transformá-lo enquanto o conhece e o nomina, de acordo com uma interação externa-interna.

Na objetivação do mundo, o indivíduo em fase de alfabetização estabelece uma relação de reencontro entre o eu e o outro, encontra e mistifica o que está nele e o que está no outro e também, dessa maneira, tece aproximações possíveis e transgressoras, partindo então para a liberdade do aprendizado, para o conhecimento dos determinados mecanismos de lugar do indivíduo no mundo em face às relações sociais.

Nomear não é apenas decodificar, mas, sobretudo, identificar e compreender, o signo não é apenas um compilado de fonemas e grafemas, mas uma chave para a emancipação humana, reconhecer o espaço da variação nos meandros da língua é um direito do sujeito alfabetizado para que se torne um usuário coerente, como afirma ainda o professor Ernani sobre a Pedagogia freiriana:

Um mínimo de palavras, com a máxima polivalência fonêmica, é o ponto de partida para a conquista do universo vocabular. Essas palavras, oriundas do próprio universo vocabular do alfabetizando, uma vez transfiguradas pela crítica, a ele retornam em ação transformadora do mundo. Como saem de seu universo e como a ele voltam? Uma pesquisa prévia investiga o universo das palavras faladas, no meio cultural do alfabetizando. Daí são extraídos os vocábulos de mais ricas possibilidades fonêmicas e de maior carga semântica – os que não só permitem rápido domínio do universo da palavra escrita como, também, o mais eficaz engajamento de quem pronuncia, com a força pragmática que instaura e transforma o mundo humano. (FIORI *in* FREIRE, 1987, p. 14).

Nessa perspectiva, finalmente, chegamos ao educador, como aplicar esse entendimento ao uso da didática e promover a mudança dos dados quantitativos apresentados nessa pesquisa? Libâneo (2004) nos diz sobre isso, entre tradicionalistas e progressistas, cabe ao professor o enfrentamento do aluno como ser imerso na sociedade e também no sistema, sujeito a opressões e diversos mecanismos sociais que influem no seu contato com o aprendizado.

É papel do professor observar o método sim, mas, sobretudo, voltar-se ao aluno e sua correspondência com as relações que estabelece com o meio, tomando para si uma atitude socioconstrutivista e alinhada minimamente com os pressupostos que tratamos no Panorama 2 deste artigo, entendendo, dessa forma, a aprendizagem como o “No processo da relação ativa do sujeito com o objeto, a atividade se concretiza por meio de ações, operações e tarefas, suscitados por necessidades e motivos” (p. 117).

Encerramos aqui as postulações sobre a pesquisa da escrita “variável” da lateral /l/ no contexto público de Jaboatão dos Guararapes, esperamos que os infinitos braços que surgiram dessa pesquisa apontando sempre para a atividade da licenciatura nos indique novos caminhos ao tratar da variação em sala de aula, não só da variação em questão, mas de todas possíveis que sempre vem à tona no desenvolvimento linguístico

dos alunos brasileiros. Nosso mosaico de contextos permite uma maior manifestação das infinitas formas de dizer e escrever a mesma palavra. Cabe a nós, educadores formados e em formação, entendê-las e apreciá-las, a fim de realocá-las para o contexto designado para sua manifestação.

Tece-se uma crítica final, se a Sociolinguística Laboviana e a Pedagogia Freiriana, assim como a Psicogênese da Língua Escrita e a Filosofia da Linguagem, fossem de amplo conhecimento e, sobretudo, aplicadas, principalmente pelos profissionais que lidam com os primeiros anos de alfabetização, talvez, nos deparássemos com outros índices nessa pesquisa que se encerra.

## Considerações Finais

Após a finalização da pesquisa aqui apresentada, nosso trabalho espera dialogar outras diversas pesquisas no campo fonético e fonológico, como as de Battisti e Moras, 2016, Miranda, Silva, Medina, Zitzke, 2005; Silva e Sedrins, s.d. e Tasca 2002a, voltado pra o letramento, uma vez que, sente-se a defasagem de preocupação da observação das manifestações das etapas de aprendizagem na escrita; e ela faz-se tão embaixo de nossos olhos e mostra-se como elemento poderoso para entender os mecanismos tanto linguísticos como socioconstrutivistas na emancipação do sujeito como falante e usuário coerente aos diversos contextos da Língua Portuguesa.

Esperamos, assim, que essa comparação entre ensino público e privado se estenda nos meandros das pesquisas tanto específicas da fonologia como sirva também para nos trazer reflexões sobre o ensino, sendo esta uma pesquisa que nasceu de um curso de licenciatura, visamos esmiuçar as diferenças dos contextos que, às vezes, pelo recorte geográfico, nos parecem próximos. Porém, as implicações contextuais que pesam sobre cada sujeito se mostram eficazes no contato e na experimentação da língua.

Aqui propomos uma reflexão sobre a semivocalização das líquidas, suas quantificações e fatores empíricos e também tentamos a proposição de possíveis elucidaciones para os problemas levantados aqui no que nos tange: a alcunha de, também e sobretudo, os educadores.

## Referências

AZIZE, Rafael Lopes. *Comportamento linguístico, empiria e filosofia em Wittgenstein*. Caderno CRH, Salvador, v. 25, n. spe. 02, p. 151-159, 2012.

BATTISTI, Elisa; MORAS, Viviane Tebaldi. *A semivocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real*. Gragoatá, Niterói, p. 90-112, 1º sem., 2016.

BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed., revisada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DE PINHO, Antônio José; MARGOTTI, Felício Wessling. A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português do Brasil. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 67-88, mar. 2011.

DICKEY, Laura Walsh. *The phonology of liquids*. Amherst: GLSA, 1997.

FARACO, Carlos. *Linguagem escrita e alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

HORA, Dermeval. *Variação da lateral /l/*: correlação entre restrições sociais estruturais. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, vol. 9, n. 18, 29-44, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HORA, Dermeval; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; CARDOSO, Walcir. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 71-79, jan./mar. 2010.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LIBÂNIO, José Carlos. A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 113-147, 2004. Editora UFPR.

MASSINI-CAGLIARI, Glades. & CAGLIARI, Luiz Carlos. *Diante das Letras: a escrita na alfabetização*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, Lígia Márcia. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica*. Bauru: UNESP, 2011. Tese (livre-docência em Psicologia da Educação) - Departamento de Psicologia, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco; SILVA, Michelle Reis da; MEDINA, Sabrina ZITZKE. O sistema ortográfico do português brasileiro e sua aquisição. *Revista Linguagens & Cidadania*, v. 7, no 2, jul./dez., 2005.

MORAIS, Artur Gomes. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática, 2003.

MORAIS, Artur Gomes. (org.). *O aprendizado da Ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOLLICA, Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, Cecília.; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, p. 9-14, 2003.



QUEDNAU, Laura Rosane. A Lateral Pós-Vocálica no Português Gaúcho: análise variacionista e representação não linear. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.

SELKIRK, Elizabeth. The syllable. IN: HULST, Harry van der; SMITH, Norval. The Structure of Phonological Representations. Foris Publication, 1982.

SILVA, André Pedro da; GALINDO, Yasmin Maria Macedo Torres. Vocalização da lateral /l/: um estudo acerca da sua manifestação nas séries iniciais em sujeitos do ensino particular. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 394-413, ago./dez. 2017.

SILVA, José Robson da; SEDRINS, Adeilson Pinheiro. *Comportamento variacionista do segmento lateral na escrita das séries iniciais de crianças de Serra Talhada-PE*. UAST/UFRPE, s.d.

TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro/ Leda Bisol e Cláudia Brescancini (Org.)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002a.

TASCA, Maria. Interferências da língua falada na escrita das séries iniciais: O papel de fatores lingüísticos e sociais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002b.

TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

WIETHAN, Fernanda; MELO, Roberta; MOTA, Helena. Consoantes líquidas: Ocorrência de estratégias de reparo em diferentes faixas etárias e gravidades do desvio fonológico. *CEFAC*, 607-616, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin. (1968). Empirical foundations for theory of language change. In: LEHMANN, Winfred; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

ZILLES, Ana Maria Stahl e FARACO, Carlos Alberto. (orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

